



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
COLÉGIO MILITAR DE CURITIBA**

TESTE ESCRITO DA SELEÇÃO ESPECIAL PARA O ESTÁGIO DE SERVIÇO TÉCNICO

ESPECIALIDADE: MAGISTÉRIO FILOSOFIA

DATA: 05 OUTUBRO DE 2023

INÍCIO DO TESTE: 14:00h

TÉRMINO DO TESTE: 17:00h

RECOMENDAÇÕES AO CANDIDATO:

1. O tempo de duração do teste é de 3 (três) horas, no qual, além de resolver os itens do CADERNO DE QUESTÕES, o candidato deverá preencher a FOLHA-RESPOSTA.
2. O Preenchimento da FOLHA-RESPOSTA deverá ser realizado com CANETA AZUL OU PRETA, sendo proibido o uso de corretivo.
3. A rasura ou o preenchimento incorreto da folha-resposta ocasionará a anulação do item respectivo onde o candidato incorreu em erro.
4. O candidato deverá marcar na folha-resposta a opção julgada por ele correta conforme o exemplo abaixo:



5. NÃO haverá substituição de FOLHA-RESPOSTA.
6. Ao final do tempo de duração da prova, o candidato poderá se retirar do local de realização dela somente após entregar o CADERNO DE QUESTÕES e a FOLHA-RESPOSTA corretamente preenchida e assinada que deverá ser entregue ao fiscal de prova.
7. CONFIRA e VERIFIQUE se todas as páginas estão corretamente impressas. Esta prova compõe-se de 25 ITENS.
8. A saída da sala somente será permitida após transcorridos 60 minutos do início da prova.

NOME DO CANDIDATO: _____

IDENTIDADE DO CANDIDATO: _____

Assinatura do Candidato

01. O pensamento filosófico-científico representa assim uma ruptura bastante radical com o pensamento mítico, enquanto forma de explicar a realidade. Entretanto, se o pensamento filosófico-científico surge por volta do séc.VI a.C., essa ruptura com o pensamento mítico não se dá de forma completa e imediata. Ou seja, o surgimento desse novo tipo de explicação não significa o desaparecimento por completo do mito, do qual aliás sobrevivem muitos elementos mesmo em nossa sociedade contemporânea, em nossas crenças, superstições, fantasias etc., isto é, em nosso imaginário. A influência [do mito] permanece, mesmo em escolas de pensamento filosófico como o pitagorismo e na obra de Platão.

(MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da Filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2007, p. 20)

Sobre a relação entre mito e filosofia, é correto afirmar que

- (A) ao mesmo tempo, houve uma ruptura, posto que a Filosofia é uma explicação argumentativa da realidade e o mito se preocupa com a gênese divina das coisas, e aconteceu também uma continuidade, pois Parmênides e Platão, por exemplo, continuaram a tratar de deuses no interior dos seus escritos.
- (B) a Filosofia dá continuidade ao pensamento mítico, desenvolvendo-o e sofisticando-o, de modo que se pode dizer que ela não significou nada de novo, senão que apenas deu prosseguimento a uma inclinação humana já presente nas narrativas míticas.
- (C) tanto a filosofia como o mito estavam preocupados em explicar a estrutura de funcionamento da realidade, também conhecida como *physis*. A diferença estava apenas no emprego maior ou menor de personagens fictícios.
- (D) filosofia e mito foram na prática apenas duas maneiras de os gregos antigos encontrarem as primeiras explicações para a realidade, mas que não se distinguem no essencial, posto que ambas são hipóteses imaginárias, além de já terem sido superadas pelas provas definitivas das ciências modernas.
02. A deusa distingue os únicos caminhos concebíveis para a investigação. E estes são apenas dois: que **o ser é** e que **o não ser não é**. Este é o caminho da convicção e da verdade e apenas ele é concebível. O outro caminho não é possível ao conhecimento humano. E de que caminho se trata? Aquele que diz que **o não ser é**. Não se pode conhecer o que não é, o que não é não pode ser dito em palavras.

(PARMÊNIDES. *Sobre a natureza*, in *Pré-Socráticos*. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999, p. 122)

Das frases abaixo, qual delas é uma correta interpretação do fragmento de Parmênides citado acima?

- (A) O conhecimento humano se constrói pela via do não ser, pois o homem precisa criar teorias, hipóteses e suposições sobre as coisas, abstraindo do ser real delas para compreendê-las.
- (B) Para o homem, é sempre possível se colocar no ponto de vista próprio de outros seres, como pedras e animais, pois a imaginação lhe possibilita sair de si e ver a partir da perspectiva dos outros seres.
- (C) Para o homem, cuja condição existencial é ser compreensão, é impossível ver um animal a partir do ponto de vista do próprio animal. É impossível ser e não ser ao mesmo tempo.
- (D) O caminho do conhecimento é aquele que diz que o não ser é, posto que nossas teorias sempre deixam escapar algo da realidade, sendo apenas aproximações daquilo que ela é.

03. (Unespar-PR) Platão, em sua obra, *A república*, fala de uma ética teleológica, isto é, uma ética cujo princípio não é o que realmente se faz, mas o que se deveria fazer. Esta postura de Platão está baseada naquilo que ficou conhecido como teoria das ideias, sobre a qual é correto afirmar que

(A) é a teoria em que Platão, através da imagem da expulsão dos poetas da República, define que devemos nos concentrar no mundo sensível, para conhecer corretamente a realidade.

(B) é a teoria em que Platão define o conhecimento como uma passagem a uma intuição intelectual totalmente diferente do conhecimento dado no mundo sensível.

(C) é a teoria em que Platão separa o conhecimento em dois tipos: o estético e o moral.

(D) é a teoria em que Platão define as ideias como entidades imateriais inacessíveis ao intelecto humano.

04. (Enem) - Trasímaco estava impaciente porque Sócrates e os seus amigos presumiam que a justiça era algo real e importante. Trasímaco negava isso. Em seu entender, as pessoas acreditavam no certo e no errado apenas por terem sido ensinadas a obedecer às regras da sua sociedade. No entanto, essas regras não passavam de invenções humanas.

(RACHELS. *Problemas da filosofia*. Lisboa: Gradiva, 2009.)

O sofista Trasímaco, personagem imortalizado no diálogo *A república*, de Platão, sustentava que a correlação entre justiça e ética é resultado de

(A) determinações biológicas impregnadas na natureza humana.

(B) verdades objetivas com fundamento anterior aos interesses sociais.

(C) mandamentos divinos inquestionáveis legados das tradições antigas.

(D) convenções sociais resultantes de interesses humanos contingentes.

05. (Enem) - Ninguém delibera sobre coisas que não podem ser de outro modo, nem sobre as que lhe é impossível fazer. Por conseguinte, como o conhecimento científico envolve demonstração, mas não há demonstração de coisas cujos primeiros princípios são variáveis (pois todas elas poderiam ser diferentemente), e como é impossível deliberar sobre coisas que são por necessidade, a sabedoria prática não pode ser ciência, nem arte: nem ciência, porque aquilo que se pode fazer é capaz de ser diferentemente, nem arte, porque o agir e o produzir são duas espécies diferentes de coisa. Resta, pois, a alternativa de ser ela uma capacidade verdadeira e raciocinada de agir com respeito às coisas que são boas ou más para o homem.

(ARISTOTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural, 1980)

Aristóteles considera a ética como pertencente ao campo do saber prático. Nesse sentido, ela difere-se dos outros saberes porque é caracterizada como

(A) conduta definida pela capacidade racional de escolha.

(B) capacidade de escolher de acordo com padrões científicos.

(C) conhecimento dos princípios morais dados *a priori*.

(D) técnica que tem como resultado a produção de boas ações.

06. (Unioeste-PR) - A virtude é, pois, uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consistente numa mediania, isto é, a mediania relativa a nós, a qual é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática. (Aristóteles)

Considerando a citação acima e o pensamento de Aristóteles, assinale a alternativa correta.

- (A) É preciso avaliar os sentimentos a partir de uma escala de preferências. A atribuição de valor é feita considerando-se o prazer gerado.
- (B) Para o autor, a virtude se encontra entre dois extremos. Por isso, também podemos chamá-la de doutrina do justo meio.
- (C) À *virtú* corresponde à astúcia política daqueles que governam, a fim de se obter sucesso através dos favores da *fortuna* e, com isso, alcançar a glória e manter o poder dos príncipes.
- (D) As virtudes não podem ser aprendidas com a prática, pois são habilidades das quais só alguns são dotados, como tocar um instrumento musical, pintar ou falar bem.

07. (Enem) - Pirro afirmava que nada é nobre nem vergonhoso, justo ou injusto; e que, da mesma maneira, nada existe do ponto de vista da verdade; que os homens agem apenas segundo a lei e o costume, nada sendo mais isto do que aquilo. Ele levou uma vida de acordo com esta doutrina, nada procurando evitar e não se desviando do que quer que fosse, suportando tudo, carroças, por exemplo, precipícios, cães, nada deixando ao arbítrio dos sentidos.

(LAERCIO, D. *Vidas e sentenças dos filósofos ilustres*. Brasília: UnB, 1988.)

O ceticismo, conforme sugerido no texto, caracteriza-se por

- (A) desprezar quaisquer convenções e obrigações da sociedade.
- (B) atingir o verdadeiro prazer como o princípio e o fim da vida feliz.
- (C) defender a indiferença e a impossibilidade de obter alguma certeza.
- (D) aceitar o determinismo e ocupar-se com a esperança transcendente.

08. (Enem) - Alguns dos desejos são naturais e necessários; outros, naturais e não necessários; outros, nem naturais nem necessários, mas nascidos de vã opinião. Os desejos que não nos trazem dor se não satisfeitos não são necessários, mas o seu impulso pode ser facilmente desfeito, quando é difícil obter sua satisfação ou parecem geradores de dano.

(EPICURO DE SAMOS. *Doutrinas principais*. In: SANSON, V. F. Textos de filosofia. Rio de Janeiro: Eduff, 1974.)

No fragmento da obra filosófica de Epicuro, o homem tem como fim

- (A) alcançar o prazer moderado e a felicidade.
- (B) valorizar os deveres e as obrigações sociais.
- (C) aceitar o sofrimento e o rigorismo da vida com resignação.
- (D) refletir sobre os valores e as normas dadas pela divindade.

09. (PUC-PR) Leia a passagem de texto a seguir.

Na lei temporal dos homens nada existe de justo e legítimo que não tenha sido tirado da lei eterna. Assim, no mencionado exemplo do povo que, às vezes, tem justamente o direito de eleger seus magistrados e, às vezes, não menos justamente, não goza mais desse direito, a justiça dessas diversidades temporais procede da lei eterna, conforme a qual é sempre justo que um povo sensato eleja seus governantes e que um povo irresponsável não o possa.

(SANTO AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 41.)

Ao debater a origem do mal, Santo Agostinho trata ao mesmo tempo da diferença entre lei temporal e lei eterna. De acordo com a passagem de texto citada acima e com seus conhecimentos, analise as sentenças abaixo e assinale a alternativa correta.

- (A) A lei eterna diz respeito tão somente àqueles que merecem a vida feliz após a morte .
- (B) A lei temporal diz respeito à utilidade pública, não devendo ser influenciada pela lei eterna, que diz respeito à salvação da alma.
- (C) As leis humanas deixam impunes muitas ações que só poderão ser punidas quando as leis temporais forem substituídas pelas leis eternas nos processos de julgamento.
- (D) A lei temporal, embora útil à vida social, não impede que indivíduos e povos irresponsáveis prefiram seus interesses pessoais ao bem público, sendo então necessária a lei eterna, da qual procedem as leis temporais.

10. (UECE) - Atente para a seguinte passagem, em que Santo Agostinho se questiona sobre a origem do mal:

Quem me criou? Não foi o meu Deus, que é bom, e é também a mesma bondade? Donde me veio, então, o querer, eu, o mal e não querer o bem? Qual a sua origem, se Deus, que é bom, fez todas as coisas? Sendo o supremo e sumo bem, criou bens menores do que Ele; mas, enfim, o Criador e as criaturas, todos são bons. Donde, pois, vem o mal?

(AGOSTINHO, Santo. *Confissões; De magistro*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. Livro VII. Os pensadores. Adaptado.)

Sobre esse aspecto da filosofia do bispo de Hipona, considere as seguintes afirmações:

I. Como os maniqueístas, de quem sofreu forte influência, Agostinho afirmava a existência do bem e do mal e que os homens não eram culpados de ações classificadas como más. O mal lhes era inato, portanto não havia culpa, mas poderiam obter a salvação da alma por intermédio da graça divina.

II. Para Agostinho, não se deveria atribuir a Deus a origem do mal, visto que, como sumo bem, ele não o poderia criar. São os homens os responsáveis pela presença do mal e cabe a estes fazerem uso de sua liberdade e escolherem entre a boa e a má ação.

III. Dispondo do livre-arbítrio, o ser humano pode optar por bens inferiores. Mas o livre-arbítrio não pode ser visto como um mal em si, pois foi Deus quem o criou. Ter recebido de Deus uma vontade livre é para o ser humano um grande bem. O mal é o mau uso desse grande bem.

É correto o que se afirma em

- (A) I, II e III.
- (B) II e III apenas.
- (C) I e III apenas.
- (D) I e II apenas.

11. (UECE) - Portanto, deve-se dizer que como a lei escrita não dá força ao direito natural, assim também não pode lhe diminuir nem lhe suprimir a força; pois, a vontade humana não pode mudar a natureza. Portanto, se a lei escrita contém algo contra o direito natural, é injusta e não tem força para obrigar. Pois, só há lugar para o direito positivo, quando, segundo o direito natural, é indiferente que se proceda de uma maneira ou de outra, como já foi explicado acima. Por isso, tais textos não hão de

chamar leis, mas corrupções da lei, como já se disse. E portanto, não se deve julgar de acordo com elas.

(AQUINO, Tomás de. *Suma teológica*, I, Questão 60, Art. 5)

Com base na passagem acima, é correto afirmar que

- (A) a lei escrita só é legítima se for baseada no direito natural.
- (B) o direito positivo não é a lei escrita, mas dos costumes.
- (C) o direito natural só é legítimo se expresso na lei escrita.
- (D) não há diferença entre direito natural e direito positivo.

12. (UFSJ-MG) - David Hume afirma que “a razão, em sentido estrito e filosófico, só pode influenciar nossa conduta de duas maneiras”, a saber:

- (A) a razão por si só funda a moral humana e como tal nela encontra respaldo para instaurar influências, além disso, reduz o campo de influência dogmática sobre a conduta humana.
- (B) ao reconhecer o estatuto racional que fundamenta e legitima a paixão, a moral se estabelece como consequência dessa razão em si mesma, além de determinar o sujeito que age.
- (C) razão e ação prática são princípios ativos fundamentais que conferem poderes aos corpos externos ou às ações racionais ou se fundam, exclusivamente, na intenção que é peculiar ao indivíduo.
- (D) despertando uma paixão ao nos informar sobre a existência de alguma coisa que é um objeto próprio dessa paixão ou descobrindo a conexão de causas e efeitos, de modo a nos dar meios de exercer uma paixão qualquer.

13. (Enem) - A natureza fez os homens tão iguais, quanto às faculdades do corpo e do espírito, que, embora por vezes se encontre um homem manifestamente mais forte de corpo, ou de espírito mais vivo do que outro, mesmo assim, quando se considera tudo isto em conjunto, a diferença entre um e outro homem não é suficientemente considerável para que um deles possa com base nela reclamar algum benefício a que outro não possa igualmente aspirar.

(HOBBS, T. *Leviatã*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.)

Para Hobbes, antes da constituição da sociedade civil, quando dois homens desejavam o mesmo objeto, eles

- (A) recorriam aos clérigos.
- (B) entravam em conflito.
- (C) consultavam os anciãos.
- (D) apelavam aos governantes.

14. (UEA-AM) - Nada pode parecer mais ilimitado que o pensamento humano, que está livre até mesmo dos limites da natureza e da realidade. Enquanto o corpo está confinado a um único planeta, o pensamento pode transportar-nos às mais distantes regiões do universo. Aquilo que nunca foi visto, pode assim ser concebido. Mas, um exame mais cuidadoso nos mostrará que esse poder criador da mente consiste meramente na capacidade de compor, transpor, aumentar ou diminuir os materiais que os sentidos nos fornecem. Quando pensamos em uma montanha de ouro, estamos apenas juntando duas ideias consistentes, ouro e montanha, com as quais estávamos anteriormente familiarizados.

(HUME, David. *Investigações sobre o entendimento humano*, 2004. Adaptado.)

David Hume publicou *Investigações sobre o entendimento humano*, em 1748. O excerto resume o conteúdo de sua filosofia

- (A) empirista, que retira da experiência os princípios da razão.
- (B) existencialista, que abrange a existência do ente humano na sua totalidade.
- (C) idealista, que confere o grau de certeza às ideias claras e distintas.
- (D) racionalista, que considera os homens unidos pelo bom senso.

15. (Enem) - Quando analisamos nossos pensamentos ou ideias, por mais complexos e sublimes que sejam, sempre descobrimos que se resolvem em ideias simples que são cópias de uma sensação ou sentimento anterior. Mesmo as ideias que, à primeira vista, parecem mais afastadas dessa origem, mostram, a um exame mais atento, ser derivadas dela.

(HUME, David. *Investigações sobre o entendimento humano*. Abril Cultural, 1973.)

Depreende-se desse excerto da obra de Hume que o conhecimento tem a sua gênese na

- (A) convicção inata.
- (B) dimensão apriorística.
- (C) elaboração do intelecto.
- (D) percepção dos sentidos.

16. Nunca nos tornaremos matemáticos, por exemplo, embora nossa memória possua todas as demonstrações feitas por outros, se nosso espírito não for capaz de resolver toda espécie de problemas; não nos tornaríamos filósofos, por ter lido todos os raciocínios de Platão e Aristóteles, sem poder formular um juízo sólido sobre o que nos é proposto. Assim, de fato, pareceríamos ter aprendido, não ciências, mas histórias.

(DESCARTES, R. *Regras para a orientação do espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.)

Em sua busca pelo saber verdadeiro, o autor considera o conhecimento, de modo crítico, como resultado da

- (A) investigação de natureza empírica.
- (B) retomada da tradição intelectual.
- (C) autonomia do sujeito pensante.
- (D) imposição de valores ortodoxos.

17. (Unioeste-PR) - A palavra reflexão é empregada na Física para descrever o movimento de propagação de uma onda luminosa ou sonora quando, ao passar de um meio para outro, encontra um obstáculo e retorna ao meio de onde partiu. É esse retorno ao ponto de partida que é conservado quando a palavra é usada na Filosofia.

Marque a alternativa correta.

- (A) A reflexão filosófica não é o movimento pelo qual o pensamento, examinando o que é pensado por ele, volta para si mesmo como fonte desse pensado.
- (B) A reflexão filosófica distancia-se do movimento pelo qual o pensamento, examinando o que é pensado por ele, volta para si mesmo como fonte desse pensado.

- (C) A reflexão filosófica atrapalha o movimento pelo qual o pensamento, examinando o que é pensado por ele, volta para si mesmo como fonte desse pensado.
- (D) A reflexão filosófica é o movimento pelo qual o pensamento, examinando o que é pensado por ele, volta-se para si mesmo como fonte desse pensado.

18. Todos os imperativos ordenam ou *hipotética* ou *categoricamente*. Os hipotéticos representam a necessidade prática de uma ação possível como meio de alcançar alguma coisa que se quer. O imperativo categórico é aquele que nos representa uma ação como necessária por si mesma, sem relação com qualquer outra finalidade.

(KANT, I. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Edições 70, 2007.)

Na ética kantiana, o motivo que leva a uma determinada ação é que define se a ação aconteceu conforme ao Dever ou por amor do Dever. A ação por amor do Dever está corretamente exemplificada no seguinte caso:

- (A) O dono de uma confeitaria vende seu bolo ao preço praticado pelas outras lojas, pois pode perder clientes se vender a um preço mais alto.
- (B) Ao receber o pedido de troca de uma mercadoria com defeito, o lojista substitui o produto, pois é o correto a se fazer.
- (C) Durante a prova, um aluno de Ensino Médio não utiliza meios ilícitos, pois o professor o está observando.
- (D) Ao ver sua colega tropeçar e cair, determinado aluno a levanta prontamente, pois há semanas está apaixonado por ela.

19. Se a razão determina infalivelmente a vontade, as ações de um tal ser, que são conhecidas como objetivamente necessárias, são também subjetivamente necessárias, isto é, a vontade é a faculdade de escolher só aquilo que a razão, independentemente da inclinação, reconhece como praticamente necessário, quer dizer como bom.

(KANT, I. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Edições 70, 2007.)

Kant quer assegurar a autonomia humana. Por isso, em sua ética, a vontade

- (A) escolhe livremente se submeter aos mandamentos da lei moral.
- (B) segue livremente os impulsos que surgem em cada situação.
- (C) conforma-se às inclinações que lhe possibilitam alcançar a felicidade.
- (D) orienta-se racionalmente à obtenção de vantagens particulares.

20.

TEXTO I

Tudo aquilo que é válido para um tempo de guerra, em que todo homem é inimigo de todo homem, é válido também para o tempo durante o qual os homens vivem sem outra segurança senão a que lhes pode ser oferecida por sua própria força e invenção.

(HOBBS, T. *Leviatã*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.)

TEXTO II

Não vamos concluir, com Hobbes que, por não ter nenhuma ideia de bondade, o homem seja naturalmente mau. Esse autor deveria dizer que, sendo o estado de natureza aquele em que o cuidado de nossa conservação é menos prejudicial à dos outros, esse estado era, por conseguinte, o mais próprio à paz e o mais conveniente ao gênero humano.

(ROUSSEAU, J.-J. *Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Martins Fontes, 1993 (adaptado).)

Os trechos apresentam divergências conceituais entre autores que sustentam um entendimento segundo o qual a igualdade entre os homens se dá em razão de uma

- (A) predisposição ao conhecimento.
- (B) condição original.
- (C) tradição epistemológica.
- (D) submissão ao transcendente.

21. O pecado original de Adão traz a consciência da culpabilidade, o sofrimento e a angústia. O homem, por sua natureza pecaminosa, posto que lhe é dado escolher, vive na intranquilidade. A angústia é o sentimento que ocorre diante da possibilidade, caracterizando a situação de liberdade — o homem que é livre, é livre para o pecado. Ela surge em face do real estabelecido e do futuro. Tanto o pecado quanto a liberdade não se dão a partir de nenhuma premissa: a liberdade é infinita e provém do nada, e o pecado não ocorre num processo contínuo como necessidade, e sim em salto e como possibilidade.

(FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. *O conceito de angústia: súmula da obra de Soren Kierkegaard*. Informativos Ifen, 2001. Disponível em (www.ifen.com.br/site/23-informativos-ifen/82-o-conceito-de-angustia-sumula-daobra-de-soeren-kierkegaard. Acesso em 17 maio 2016.)

Com base nesse trecho, é possível afirmar que Soren Kierkegaard

- (A) compreende a angústia como a condição do ser humano diante de seu destino pecaminoso, consequência natural do pecado original cometido por Adão.
- (B) estabelece um mundo organizado à maneira racionalista, regido por princípios necessários, como o de pecado.
- (C) atribui à possibilidade de escolha, característica da liberdade, a angústia humana diante da possibilidade de errar.
- (D) caracteriza a intranquilidade do ser humano diante dos eventos como o fato que o faz persistir na existência e evoluir.

22. Penso que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. Penso, pelo contrário, que o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade — a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, que podemos encontrar no meio cultural.

(FOUCAULT, M. *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.)

O texto aponta que a subjetivação se efetiva numa dimensão

- (A) contingencial, processada em interações sociais.
- (B) racional, baseada em pressupostos lógicos.
- (C) essencial, fundamentada em parâmetros substancialistas.
- (D) transcendental, efetivada em princípios religiosos.

23. Essa atmosfera de loucura e irrealidade, criada pela aparente ausência de propósitos, é a verdadeira cortina de ferro que esconde dos olhos do mundo todas as formas de campos de concentração. Vistos de fora, os campos e o que neles acontece só podem ser descritos com imagens extraterrenas, como se a vida fosse neles separada das finalidades deste mundo. Mais que o arame farpado, é a irrealidade dos detentos que ele confina que provoca uma crueldade tão incrível que termina levando à aceitação do extermínio como solução perfeitamente normal.

(ARENDDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989) (adaptado).

A partir da análise da autora, no encontro das temporalidades históricas, evidencia-se uma crítica à naturalização do(a)

- (A) ideário nacional, que legitima as desigualdades sociais.
- (B) alienação ideológica, que justifica as ações individuais.
- (C) cosmologia religiosa, que sustenta as tradições hierárquicas.
- (D) segregação humana, que fundamenta os projetos biopolíticos.

24. O conceito de democracia, no pensamento de Habermas, é construído a partir de uma dimensão procedimental, calcada no discurso e na deliberação. A legitimidade democrática exige que o processo de tomada de decisões políticas ocorra a partir de uma ampla discussão pública, para somente então decidir. Assim, o caráter deliberativo corresponde a um processo coletivo de ponderação e análise, permeado pelo discurso, que antecede a decisão.

(VITALE, D. *Jürgen Habermas, modernidade e democracia deliberativa*. Cadernos do CRH (UFBA), v. 19, 2006 (adaptado))

O conceito de democracia proposto por Jürgen Habermas pode favorecer processos de inclusão social. De acordo com o texto, é uma condição para que isso aconteça o(a)

- (A) participação direta periódica do cidadão.
- (B) debate livre e racional entre cidadãos e Estado.
- (C) interlocução entre os poderes governamentais.
- (D) eleição de lideranças políticas com mandatos temporários.

25. A escolha é possível num sentido, mas o que não é possível é não escolher. Posso sempre escolher, mas devo saber que, se eu não escolher, escolho ainda. Isto, embora parecendo estritamente formal, tem uma importância muito grande, para limitar a fantasia e o capricho. Se é verdade que em face de uma situação [...] eu sou obrigado a escolher uma atitude, em que de toda maneira eu tenho responsabilidade duma escolha que, ligando-me por um compromisso, liga também a humanidade inteira, ainda que nenhum valor *a priori* determine a minha escolha, essa nada tem a ver com o capricho [...].

(SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 17.)

Com base no trecho, é possível afirmar que o existencialismo sartriano

- (A) salienta a responsabilidade que cerca as decisões, as quais são inevitáveis e não estão amparadas por instâncias externas ao indivíduo.
- (B) restringe o campo da liberdade, já que os sujeitos são obrigados a fazer escolhas, não havendo outra opção de ação.
- (C) é pautado por uma noção de liberdade herdada do liberalismo, que prioriza as liberdades individuais do cidadão.
- (D) retoma a tradição do imperativo categórico kantiano, que determina os valores *a priori* a ser observados em qualquer ação moral.

